



**Os caminhos de uma geração
interrompida, em Palco: conflito, de
Carlos Nascimbeni**

Adailton Alves Teixeira

Os caminhos de uma geração interrompida, em *Palco: conflito*, de Carlos Nascimbeni

The paths of an interrupted generation, in *Stage: conflict*, by Carlos Nascimbeni

Adailton Alves Teixeira¹

¹ Professor no Departamento de Artes da Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Doutorando em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp); Mestre em Artes pela mesma instituição. Ator, diretor e integrante do Teatro Ruante. Autor de *Teatro de Rua – identidade, território* (2020). Email: adailtom.alves@unesp.br. ORCID: 0000-0003-2506-8047.

Resenha: NASCIMBENI, Carlos. *Palco: conflito*. São Paulo: Panambi Literatura, 2021.

Carlos Nascimbeni tem uma longa história no cinema e também no teatro, seja como diretor, ator ou roteirista, nos vários meandros de todos que lidam com as artes em nosso país. Recentemente, contribuiu com o livro *Palco: conflito* (2021), contemplado com recursos do Programa de Ação Cultural São Paulo (Proac Editais), e lançado pela Panambi Literatura. Sobre estes dois campos do saber, teatro e cinema, ele afirma trazer marcas do Teatro Oficina antes mesmo de trabalhar por lá, e que estudou com Paulo Emílio Salles Gomes, um dos criadores da *Revista Clima*, publicada entre 1941 e 1944.

O livro está dividido em duas partes (que poderiam também ser três): as duas principais são “Palco: conflito” e “Palco: fragmento”, mas a publicação traz um apêndice rico, com quatro documentos importantes para o entendimento do período abordado. É uma prosa ligeira, um ensaio com sabor de crônica, uma escrita apaixonada, no melhor sentido do termo. O autor não é muito afeito à rigidez das tais normas da ABNT, o que torna a leitura ágil e agradável. Cabe destacar, no entanto, que o abandono das regras acadêmicas mais ortodoxas não significa um procedimento raso, muito pelo contrário. O livro deixa patente que é sempre possível aprendermos, conhecermos melhor a história de nosso teatro, mesmo aquele mais debatido, mais estudado, como é o caso do Teatro de Arena e do Oficina. Como ainda desconhecemos muito de nossa história, a forma de dizer também pode enriquecer o conhecimento sobre nosso teatro, pois Nascimbeni faz um mergulho distinto do que costumamos ler em outros materiais.

O livro seria sobre os dois agrupamentos teatrais citados, ou sobre um tempo específico, um tempo de conflito? O livro trata de personas e personagens? Na minha leitura, *Palco:conflito* (2021) é mais do que sobre um tempo específico ou sobre uma geração, pois o tempo inteiro nos faz perguntar a respeito do hoje, do autoritarismo que grassa na atualidade. Assim, como deve fazer todo bom livro de história, faz o leitor se questionar.

Porém, o livro é, sobretudo, sobre uma geração que viveu “sob as botas” do regime militar no Brasil. Aliás, a passagem pelos diversos tempos históricos é muito enriquecedor, mas o pano de fundo é o golpe civil-militar brasileiro (1964-1985), que interrompeu todo um processo histórico, pois liquidou o regime democrático que tinha vigência desde 1945, após dezenove anos de “democracia”. A ditadura civil-militar oprimiu, pois estabeleceu a censura; reprimiu por meio do terror de Estado, e deprimiu, ao interromper projetos e sonhos. Projetos e sonhos muito caros a muitas das pessoas que são estudadas em *Palco: conflito* (2021). Sobre esse nosso passado recente, nos lembra José Paulo Netto:

Levado a cabo pelo setores mais reacionários da sociedade brasileira (a fina flor da burguesia industrial e financeira, os grandes proprietários de terras e as cúpulas militares) e com significativo apoio inicial da alta hierarquia católica e de largas camadas da pequena burguesia, o golpe – que se autoproclamou “revolução”, para ocultar seu caráter reacionário, e “de março”, para escapar à ironia do *dia da mentira* – contou com a mais ativa colaboração dos Estados Unidos e das

empresas norte-americanas que atuavam no País. E instaurou uma ditadura que perduraria por duas décadas (NETTO, 2014, p. 17).

O livro de Nascimbeni é perpassado pelo evento do Golpe de 1964, mas escolhe falar de resistência. O autor inicia nos dando uma aula de metodologia, ou de como se pode começar uma investigação, uma pesquisa: uma foto em uma exposição com diversas pessoas não identificadas aguçaram a curiosidade do autor a querer saber mais sobre o contexto da foto, o momento e o clima em que foi registrada e quem eram os não identificados. A reconstituição desse instantâneo leva a um aprofundamento na história do teatro e da vida cultural paulistana e na realidade brasileira. A foto? Uma reunião de diversos artistas na *1ª Feira Paulista de Opinião*, em 1968, meses antes do Ato Institucional nº 5. Eis o ponto de partida para um mergulho, que passa pelo TBC, Arena e Oficina, mas principalmente por quatro pessoas fundamentais do teatro brasileiro, sobretudo nos anos 1960 e 1970: Cacilda Becker, José Celso Martinez Correia, Augusto Boal e Plínio Marcos. Na visão de Nascimbeni, que reconstitui parte de suas trajetórias, são a dama, o jogador, o coringa e, como prefere chamar em oposição ao conceito atual, o “kínico”, respectivamente.

Sobre as quatro figuras presentes na foto investigada, a dama, presente na foto de 1968, chegara àquela data com vinte e sete anos de carreira e mais de setenta peças no currículo, tornando-se, na visão do autor, uma liderança e uma unanimidade entre todos e todas. O jogador Zé Celso, que naquele momento já havia estreado *O rei da vela*, já era mais que um postulante do escracho cáustico. O coringa Boal, que na concepção do autor tinha como ídolos Nelson Rodrigues e Shakespeare, é o químico-teatrologista, que levou ao Arena a função social do teatro; um diretor que queria o novo e, escreve Nascimbeni, “[...] a vontade de ser brasileiro em oposição ao sotaque europeu dos atores do TBC” (NASCIMBENI, 2021, p. 79). Por fim, o “kínico” Plínio Marcos, foi um homem que buscou o autoconhecimento e travou uma guerra contra o ego, alguém que levou uma vida-argumento.

Se às vezes o autor repete certas informações já conhecidas, posto ser um período e pessoas bastante estudadas, por outro lado, nos estimula a questionar: o que o ato de desobediência civil da *1ª Feira Paulista de Opinião* tem a nos ensinar hoje? Como afirma Nascimbeni, poética e precisamente: “1ª Feira Paulista de Opinião vertente das águas tormentosas navegadas pelo Arena entre 1964 e 1968: rio, lago ou mar estrangulado pelos militares, representantes da articulação econômica, social, política, geopolítica, que divide o mundo e alinha o Brasil com os anticomunistas” (NASCIMBENI, 2021, p. 95). A reflexão está na ordem do dia, não é mesmo?

Quanto à divisão das quatro personagens em quatro personas – dama, jogador, coringa e “kínico” – o que podemos aprender com elas, nas tarefas atuais do teatro que praticamos? É essa a viagem investigativa que nos propõe o autor: percorrer sobre o teatro praticado em um período difícil de nossa história, como foi sobretudo o recrudescimento da ditadura civil-militar, nos mostrando os rumos do teatro naquele momento, para fazer frente ao sinistro momento histórico. Contudo, não se trata de uma reflexão retrospectiva: as contradições

levantadas e vividas por aquela geração são fundamentais para entendermos o momento atual de nossa realidade, e as consequências em um país que não conseguiu desarmar o complexo aparelho repressivo e a sua ideologia perversa; o Brasil parece condenado à eterna repetição, ainda que por vias distintas. Qual seria o papel de resistência do teatro e da gente de teatro hoje? Para quem pratica essa arte, o autor não apresenta respostas, mas nos provoca a levantar questionamentos, nos iluminando de sol, sobretudo a partir das experiências das personas estudadas e de suas trajetórias de luta no teatro brasileiro.

Referências

NASCIMBENI, Carlos. *Palco: conflito*. São Paulo: Panambi Literatura, 2021.

NETTO, José Paulo. *Pequena história da ditadura brasileira (1964-1985)*. São Paulo: Cortez, 2014.

Submetido em: 29/09/2021

Aceito em: 17/01/2021